

Michael A. Hoffman III

A Verdade sobre o Talmud

O Livro mais Sagrado do Judaísmo



Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Michael A. Hoffman II

A Verdade sobre o Talmud

O Livro mais sagrado dos Judeus



Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

Introdução.....	6
O Talmude Anula a Bíblia.....	8
Alguns Ensinaamentos do Talmude Judaico.....	10
Onde um Judeu Deve Praticar o Mal.....	10
Pena por Desobedecer aos Rabinos.....	10
Bater em um Judeu é o Mesmo que Bater em Deus.....	10
É Aceitável Enganar Não Judeus.....	10
Os Judeus Têm Status Jurídico Superior.....	10
Judeus Podem Roubar de Não Judeus.....	10
Judeus Podem Roubar e Matar Não Judeus.....	10
Judeus Podem Mentir para Não Judeus.....	11
Crianças Não Judias São Sub-humanas.....	11
Insultos contra a Santíssima Virgem Maria.....	11
Escarne da Morte Precoce de Cristo.....	11
Jesus no Talmude: Horríveis Blasfêmias contra Jesus Cristo.....	11
Ataques do Talmude contra Cristãos e Livros Cristãos.....	14
Ensinaamentos Doentios e Insanos do Talmude.....	15
Histórias Exageradas de um “Holocausto” Romano.....	16
Uma Admissão Reveladora.....	17
Rituais Farisaicos.....	17
Genocídio Defendido pelo Talmude.....	17
Doutrina Talmúdica: Os Não-Judeus Não São Humanos.....	18
Moisés Maimônides: defensor do extermínio.....	20
A citação de A Lista de Schindler.....	23
Engano e dissimulação judaica.....	23
Resposta “JudaicoCristã” ao Talmude.....	27
Gentios são “Resíduos Celestiais”.....	27
O Governo dos EUA prepara o terreno para tribunais talmúdicos.....	28
A Lei Judaica Exige que Cristãos Sejam Executados.....	30
Superstições Judaicas.....	31
Sodomia na sinagoga.....	32



Uma denúncia documentada da literatura de ódio racista judaica.
Por Michael Hoffman, o principal estudioso do judaísmo no meio de
língua inglesa



“Comunicar a um não judeu algo de nossos livros religiosos seria o mesmo que matar todos os judeus, pois **se os não judeus soubessem o que ensinamos contra eles, não matariam a todos nós? ...**

... O judeu é obrigado, quando se lhe pergunta sobre a interpretação de qualquer frase da literatura dos rabinos, **a interpretá-la falsamente**, a fim de evitar que, com uma explicação verídica das frases, contribua para o enriquecimento dos conhecimentos de outros na interpretação das escrituras rabínicas, “**...porque dar uma explicação verídica deveria ser castigado com a morte, segundo diz o Talmude.**” - Dibbre, David, inc.

Introdução

O Talmude é o livro mais sagrado do judaísmo (na verdade, uma coleção de livros). Sua autoridade tem precedência sobre o Antigo Testamento no judaísmo. Prova disso pode ser encontrada no próprio Talmude, Erubin 21b (edição Soncino): “Meu filho, seja mais cuidadoso na observância das palavras dos Escribas do que nas palavras da Torá (Antigo Testamento)”.

A supremacia do Talmude sobre a Bíblia no Estado de Israel também pode ser vista no caso dos judeus etíopes negros. Os etíopes são muito versados no Antigo Testamento. Contudo, sua religião é tão antiga que antecede o Talmude dos Escribas, do qual os etíopes não têm conhecimento. Segundo o *New York Times* de 29 de setembro de 1992, p. 4:

“O problema é que a tradição judaica etíope não vai além da Bíblia ou da Torá; o Talmude posterior e outros comentários que formam a base das tradições modernas jamais chegaram até eles.”

Como não são portadores da tradição talmúdica, os judeus etíopes negros são discriminados e foram proibidos pelos sionistas de realizar casamentos, funerais e outros serviços no Estado de Israel.

O rabino Joseph D. Soloveitchik é considerado um dos rabinos mais influentes do século XX, o “líder incontestado” do judaísmo ortodoxo e a principal autoridade internacional em *halachá* (lei religiosa judaica). Soloveitchik foi responsável por instruir e ordenar mais de 2.000 rabinos, “toda uma geração” da liderança judaica.

O repórter de religião do *New York Times*, Ari Goldman, descreveu a base da autoridade do rabino:

“Soloveitchik vinha de uma longa linhagem de distintos estudiosos talmúdicos... Até o início dos seus vinte anos, dedicou-se quase exclusivamente ao estudo do Talmude... Ele foi para o Seminário Teológico Elchanan da Universidade Yeshiva, onde permaneceu como o professor preeminente de Talmude... Detinha o título de professor Leib

Merkin de Talmude... sentado com as pernas cruzadas diante de uma mesa que sustentava um volume aberto do Talmude.” (N.Y. Times, 10 de abril de 1993, p. 38).

Em nenhum momento Goldman se refere ao conhecimento bíblico de Soloveitchik como a base para ele ser uma das principais autoridades em lei judaica.

As credenciais do rabino baseiam-se inteiramente em seu domínio do Talmude. Outros estudos são claramente secundários. O *Jewish Chronicle* da Grã-Bretanha, de 26 de março de 1993, afirma que, na escola religiosa (*yeshiva*), os judeus são “devotados ao Talmude com exclusão de todo o resto”.

O Talmude Anula a Bíblia

Os Escribas judeus afirmam que o Talmude é, em parte, uma coleção de tradições que Moisés lhes transmitiu de forma oral. Elas ainda não haviam sido registradas por escrito na época de Jesus. Cristo condenou as tradições da Mishná (Talmude primitivo) e aqueles que as ensinavam (Escribas e Fariseus), porque o Talmude anula os ensinamentos da Sagrada Escritura.

Shmuel Safrai, em *The Literature of the Sages Part One* (p. 164), assinala que, nos capítulos 4 e 5 do Tratado Gittin do Talmude, o Talmude anula o ensinamento bíblico referente ao empréstimo de dinheiro: “Hillel decretou o *prozbul* para o bem do mundo. O *prozbul* é uma ficção jurídica que permite que as dívidas sejam cobradas após o ano sabático, e a intenção de Hillel, com isso, era superar o medo que os credores tinham de perder o seu dinheiro.”

A célebre advertência de Jesus Cristo acerca da tradição dos homens que anula a Escritura (Marcos 7:1–13) é, na verdade, uma referência direta ao Talmude, ou mais especificamente ao precursor de sua primeira parte, a Mishná, que existia em forma oral durante a vida de Cristo, antes de ser posta por escrito. O capítulo 7 do Evangelho de Marcos, do versículo 1 ao 13, representa a contundente condenação, por Nosso Senhor, da Mishná.

Infelizmente, devido à ignorância abissal de nossos dias, a noção “judaico-cristã” amplamente difundida é a de que o Antigo Testamento é o livro supremo do judaísmo. Mas não é assim. Os fariseus ensinam como doutrina os mandamentos dos rabinos, e não os de Deus.

O comentário talmúdico sobre a Bíblia é a sua lei suprema, e não a própria Bíblia. Esse comentário de fato, como disse Jesus, anula as leis de Deus, em vez de sustentá-las. Como estudantes do Talmude, sabemos que isso é verdade.

O erudito judeu Hyam Maccoby, em *Judaism on Trial*, cita o rabino Yehiel ben Joseph: “Além disso, sem o Talmude, não seríamos capazes de compreender passagens da Bíblia... Deus entregou essa autoridade aos

sábios, e a tradição é uma necessidade tanto quanto a Escritura. Os Sábios também fizeram decretos próprios... qualquer pessoa que não estude o Talmude não consegue compreender a Escritura.”

Existe uma pequena seita judaica que se empenha consideravelmente em rejeitar o Talmude e aderir apenas ao Antigo Testamento. São os caraítas, um grupo que, historicamente, foi um dos mais odiados e severamente perseguidos pelo rabinato judaico ortodoxo.

À Mishná, os rabinos acrescentaram posteriormente a Guemará (comentários rabínicos). Juntas, elas compõem o Talmude. Existem duas versões: o Talmude de Jerusalém e o Talmude Babilônico.

O Talmude Babilônico é considerado a versão autoritativa: “A autoridade do Talmude Babilônico é também maior do que a do Talmude de Jerusalém. Em casos de dúvida, o primeiro é decisivo.” (R.C. Musaph-Andriesse, *From Torah to Kabbalah: A Basic Introduction to the Writings of Judaism*, p. 40).

Este estudo baseia-se no Talmude Babilônico autorizado pelos judeus. Publicamos aqui os ditos autenticados do Talmude judaico. Verifique-os você mesmo.

Publicamos a seguir esta documentação irrefutável na esperança de libertar todas as pessoas, inclusive o povo judeu, das delusões corrosivas e do racismo dessa literatura talmúdica de ódio, que é o manual dos judeus ortodoxos e hassídicos em todo o mundo.

A implementação, por supremacistas judeus, da literatura talmúdica de ódio causou sofrimentos incontáveis ao longo da história e, agora, na Palestina ocupada, é usada como justificativa para o assassinato em massa de civis palestinos. O Talmude define especificamente todos os que não são judeus como animais não humanos.

Alguns Ensinaamentos do Talmude Judaico

Onde um Judeu Deve Praticar o Mal

Moed Kattan 17a: Se um judeu for tentado a praticar o mal, deve ir a uma cidade onde não seja conhecido e praticar ali o mal.

Pena por Desobedecer aos Rabinos

Erubin 21b. Todo aquele que desobedece aos rabinos merece a morte e será punido sendo fervido em excremento quente no inferno.

Bater em um Judeu é o Mesmo que Bater em Deus

Sanhedrin 58b. Se um pagão (gentio) bater em um judeu, o gentio deve ser morto.

É Aceitável Enganar Não Judeus

Sanhedrin 57a. Um judeu não precisa pagar a um gentio (“cutheu”) o salário que lhe é devido pelo trabalho.

Os Judeus Têm Status Jurídico Superior

Baba Kamma 37b. “Se um boi de um israelita ferir um boi de um cananeu, não há responsabilidade; mas se um boi de um cananeu ferir um boi de um israelita... o pagamento deve ser integral.”

Judeus Podem Roubar de Não Judeus

Baba Mezia 24a. Se um judeu encontrar um objeto perdido por um gentio (“pagão”), não precisa devolvê-lo. (Afirmado também em Baba Kamma 113b). Sanhedrin 76a. Deus não poupará um judeu que “case sua filha com um homem velho, ou tome uma esposa para seu filho ainda criança, ou devolva um objeto perdido a um cutheu...”

Judeus Podem Roubar e Matar Não Judeus

Sanhedrin 57a. Quando um judeu mata um gentio (“cutheu”), não haverá pena de morte. Aquilo que um judeu rouba de um gentio, ele pode conservar.

Baba Kamma 37b. Os gentios estão fora da proteção da lei, e Deus “expôs o dinheiro deles a Israel”.

Judeus Podem Mentir para Não Judeus

Baba Kamma 113a. Os judeus podem usar mentiras (“subterfúgios”) para contornar um gentio.

Crianças Não Judias São Sub-humanas

Yebamoth 98a. Todas as crianças gentias são animais. Abodah Zarah 36b. Meninas gentias estão em estado de niddah (impureza) desde o nascimento.

Abodah Zarah 22a–22b. Gentios preferem sexo com vacas.

Insultos contra a Santíssima Virgem Maria

Sanhedrin 106a. Afirma que a mãe de Jesus era uma prostituta: “Aquela que era descendente de príncipes e governadores prostituiu-se com carpinteiros.” Também na nota de rodapé nº 2 de Shabbath 104b da edição Soncino, declara-se que, no texto “não censurado” do Talmude, está escrito que a mãe de Jesus, “Miriam, a cabeleireira”, teve relações sexuais com muitos homens.

Escarne da Morte Precoce de Cristo

Uma passagem de Sanhedrin 106 zomba com a idade precoce em que Jesus morreu: “Ouviste dizer quantos anos tinha Balaão (Jesus)? — Ele respondeu: não está explicitamente declarado, mas, como está escrito: ‘Homens sanguinários e fraudulentos não viverão metade de seus dias’, conclui-se que ele tinha trinta e três ou trinta e quatro anos.

Jesus no Talmude: Horríveis Blasfêmias contra Jesus Cristo

Embora seja a prática padrão de desinformação dos apologistas do Talmude negar que ele contenha quaisquer referências injuriosas a Jesus Cristo, certas organizações judaicas ortodoxas são mais francas e admitem que o Talmude não apenas menciona Jesus, mas o difama (como um feiticeiro e um pervertido sexual demente). Essas organizações judaicas ortodoxas fazem tal admissão talvez por acreditarem que a supremacia

judaica esteja tão bem estabelecida no mundo moderno que não precisem se preocupar com reações adversas.

Por exemplo, no site do grupo judaico ortodoxo hassídico Lubavitch — um dos maiores do mundo — encontramos a seguinte declaração, completa com citações talmúdicas:

“O Talmude (edição babilônica) registra outros pecados de ‘Jesus, o Nazareno’:

- I. Ele e seus discípulos praticavam feitiçaria e magia negra, desviaram judeus para a idolatria e foram patrocinados por potências estrangeiras gentias com o propósito de subverter o culto judaico (Sanhedrin 43a).”
- II. Ele era sexualmente imoral, adorava estátuas de pedra (é mencionado um tijolo), foi excluído do povo judeu por sua perversidade e recusou-se a arrepender-se (Sanhedrin 107b; Sotah 47a).
- III. Ele aprendeu feitiçaria no Egito e, para realizar milagres, utilizava procedimentos que envolviam cortar a própria carne, o que também é explicitamente proibido na Bíblia (Shabbos 104b).

Fim da citação de <http://www.noahide.com/yeshu.htm> (site Lubavitch) — 20 de junho de 2000.¹

Examinemos ainda mais algumas dessas passagens talmúdicas anticristãs:

Gittin 57a. Afirma que Jesus está no inferno, sendo fervido em “excremento quente”.

Sanhedrin 43a. Afirma que Jesus (“Yeshu” e, na nota de rodapé nº 6 da edição Soncino, Yeshu “o Nazareno”) foi executado porque praticava feitiçaria: “Ensina-se que, na véspera da Páscoa, Jesus foi enforcado, e quarenta dias antes disso foi feita a proclamação: Jesus deve ser apedrejado até a morte porque praticou feitiçaria e seduziu o povo à idolatria... Ele foi um sedutor, e de tal não terás piedade nem condescendência.”

¹ [Nota: imprimimos e preservamos em nossos arquivos uma cópia física desta declaração do “Site da Aliança em 20 de junho de 2000, para o caso de posteriormente surgirem negações e a própria declaração ser suprimida].

Kallah 51a. “Certa vez, os anciãos estavam sentados junto à porta quando dois jovens passaram; um cobriu a cabeça e o outro deixou a cabeça descoberta. A respeito daquele que deixou a cabeça descoberta, o rabino Eliezer observou que ele era um bastardo. O rabino Joshua observou que ele era filho de uma niddah (uma criança concebida durante o período menstrual de uma mulher). O rabino Akiba disse que ele era tanto um bastardo quanto filho de uma niddah.”

“Eles disseram: ‘O que o levou a contradizer a opinião de seus colegas?’ Ele respondeu: ‘Eu o provarei no caso dele.’ Ele foi até a mãe do jovem e a encontrou sentada no mercado vendendo feijões.

‘Ele lhe disse: “Minha filha, se responderes à pergunta que te farei, eu te conduzirei ao mundo vindouro (vida eterna).” Ela lhe disse: “Jura isso para mim.”

‘O rabino Akiba, prestando o juramento com os lábios, mas anulando-o em seu coração, disse-lhe: “Qual é a condição do teu filho?” Ela respondeu: “Quando entrei na câmara nupcial eu estava em niddah (menstruada) e meu marido manteve-se afastado de mim; mas o meu padrinho teve relações comigo, e desse fato nasceu este filho.” Consequentemente, a criança era tanto um bastardo quanto filho de uma niddah.’”

“Foi declarado: ‘...Bendito seja o Deus de Israel que revelou o Seu segredo ao rabino Akiba...’”

Além do tema de que Deus recompensa mentirosos astutos, a discussão talmúdica precedente trata, na realidade, de Jesus Cristo (o menino bastardo que “descobriu a cabeça” e foi concebido na imundície da menstruação). A mãe adúltera do menino nessa narrativa talmúdica é a mãe de Cristo, a Santíssima Maria (chamada Miriam e, às vezes, Miriam, a cabeleireira, no Talmude).

“A *Editio Princeps* do completo Código da Lei Talmúdica, a *Mishneh Torá* de Maimônides — repleta não apenas dos preceitos mais ofensivos contra todos os gentios, mas também de ataques explícitos ao cristianismo e a Jesus (após cujo nome o autor acrescenta piedosamente: ‘Que o nome

do ímpio pereça’)...” — Dr. Israel Shahak, *Jewish History, Jewish Religion*, p. 21.

“O Talmude contém algumas referências explícitas a Jesus... Essas referências certamente não são elogiosas... Parece haver pouca dúvida de que o relato da execução de Jesus na véspera da Páscoa se refere ao Jesus cristão... A passagem na qual se descreve o castigo de Jesus no inferno também parece referir-se ao Jesus cristão. Trata-se de uma peça de polêmica anticristã que data do período pós-70 d.C....” — Hyam Maccoby, *Judaism on Trial*, pp. 26–27.

“Segundo o Talmude, Jesus foi executado por um tribunal rabínico regular por idolatria, por incitar outros judeus à idolatria e por desprezo à autoridade rabínica. Todas as fontes judaicas clássicas que mencionam sua execução assumem com satisfação a responsabilidade por ela; no relato talmúdico, os romanos sequer são mencionados.

“Os relatos mais populares — que, no entanto, eram levados bastante a sério — como o notório *Toldot Yeshu*, são ainda piores, pois, além dos crimes acima, o acusam de feitiçaria. O próprio nome ‘Jesus’ era, para os judeus, um símbolo de tudo o que é abominável, e essa tradição popular ainda persiste...”

“A forma hebraica do nome Jesus — Yeshu — foi interpretada como um acrônimo da maldição ‘que seu nome e sua memória sejam apagados’, usada como uma forma extrema de abuso. De fato, judeus ortodoxos antissionistas (como os Neturey Qarta) às vezes se referem a Herzl como ‘Herzl Jesus’, e encontrei, em escritos sionistas religiosos, expressões como ‘Nasser Jesus’ e, mais recentemente, ‘Arafat Jesus’.” — Dr. Israel Shahak, *Jewish History, Jewish Religion*, pp. 97–98, 118.

Ataques do Talmude contra Cristãos e Livros Cristãos

Rosh Hashanah 17a. Cristãos (*minnim*) e outros que rejeitam o Talmude irão para o inferno e ali serão punidos por todas as gerações.

Sanhedrin 90a. Aqueles que leem o Novo Testamento (“livros não canônicos”) não terão parte no mundo vindouro.

Shabbath 116a. Os judeus devem destruir os livros dos cristãos, isto é, o Novo Testamento.

O Dr. Israel Shahak, da Universidade Hebraica, relata que os israelenses queimaram centenas de exemplares do Novo Testamento na Palestina ocupada em 23 de março de 1980 (cf. *Jewish History, Jewish Religion*, p. 21).

Ensinaamentos Doentios e Insanos do Talmude

Gittin 69a. Para curar a sua carne, um judeu deve pegar poeira que esteja na sombra de um banheiro ao ar livre, misturá-la com mel e comê-la.

Shabbath 41a. É dada a lei que regula a maneira correta de urinar de forma santa.

Yebamoth 63a. Afirma que Adão teve relações sexuais com todos os animais no Jardim do Éden.

Yebamoth 63a. Declara que a agricultura é a mais baixa das ocupações.

Sanhedrin 55b. Um judeu pode casar-se com uma menina de três anos (especificamente, três anos “e um dia”).

Sanhedrin 54b. Um judeu pode ter relações sexuais com uma criança, desde que a criança tenha menos de nove anos de idade.

Ketuboth 11b. “Quando um homem adulto tem relações sexuais com uma menina, não é nada.”

Yebamoth 59b. Uma mulher que teve relações sexuais com um animal é elegível para casar-se com um sacerdote judeu. Uma mulher que tenha relações sexuais com um demônio também é elegível para casar-se com um sacerdote judeu.

Abodah Zarah 17a. Afirma que não há prostituta no mundo com quem o sábio talmúdico rabino Eleazar não tenha tido relações sexuais. Em uma de suas idas a bordéis, o rabino Eleazar soube que havia uma prostituta específica em um bordel perto do mar, que cobrava um saco de dinheiro

por seus serviços. Ele pegou um saco de dinheiro e foi até ela, atravessando sete rios para isso. Durante o ato sexual, a prostituta soltou um gás. Após isso, a prostituta disse ao rabino Eleazar: “Assim como este gás nunca retornará ao meu ânus, o rabino Eleazar jamais chegará ao céu.”

Hagigah 27a. Afirma que nenhum rabino pode jamais ir para o inferno.

Baba Mezia 59b. Um rabino debate com Deus e O derrota. Deus admite que o rabino venceu o debate.

Gittin 70a. Os rabinos ensinaram: “Ao sair de um banheiro ao ar livre, um homem não deve ter relações sexuais até ter esperado tempo suficiente para caminhar meia milha, porque o demônio do banheiro está com ele durante esse tempo; se o fizer, seus filhos serão epiléticos.”

Gittin 69b. Para curar a doença da pleurisia (“catarro”), um judeu deve “pegar o excremento de um cão branco e misturá-lo com bálsamo, mas, se possível, deve evitar comer o excremento do cão, pois isso enfraquece os membros.”

Pesahim 111a. É proibido que cães, mulheres ou palmeiras passem entre dois homens, assim como outros não podem passar entre cães, mulheres ou palmeiras. Perigos especiais estão envolvidos se as mulheres estiverem menstruadas ou sentadas em uma encruzilhada.

Menahoth 43b–44a. Um homem judeu é obrigado a dizer a seguinte oração todos os dias: “Obrigado, Deus, por não me fazer gentio, mulher ou escravo.”

Histórias Exageradas de um “Holocausto” Romano

Aqui estão dois relatos antigos de “holocausto” no Talmude: Gittin 57b. Afirma que quatro bilhões de judeus foram mortos pelos romanos na cidade de Betar. Gittin 58a afirma que 16 milhões de crianças judias foram enroladas em rolos e queimadas vivas pelos romanos. (A demografia antiga indica que não havia 16 milhões de judeus em todo o mundo naquela época, quanto mais 16 milhões de crianças judias ou quatro bilhões de judeus).

Uma Admissão Reveladora

Abodah Zarah 70a. Foi perguntado ao rabino se o vinho roubado em Pumbedita poderia ser usado ou se estava impuro, devido ao fato de que os ladrões poderiam ser gentios (um gentio tocando o vinho o tornaria impuro). O rabino responde para não se preocupar, pois o vinho é permitido para uso judaico, já que a maioria dos ladrões em Pumbedita, o lugar onde o vinho foi roubado, são judeus. (Ver também Gemara Rosh Hashanah 25b).

Rituais Farisaicos

Erubin 21b. “Rabi Akiva disse-lhe: ‘Dá-me um pouco de água para lavar as mãos.’

‘Não basta nem para beber’, queixou-se o outro, ‘quanto mais para lavar as mãos.’

‘Que posso fazer?’, respondeu o primeiro, ‘se por negligenciar as palavras dos rabinos alguém merece a morte? É melhor que eu mesmo morra do que transgredir a opinião dos meus colegas.’” [Este é o ritual de lavagem das mãos condenado por Jesus em Mateus 15:1–9].

Genocídio Defendido pelo Talmude

Tratados Menores. Soferim 15, Regra 10. Este é o dito do rabino Simão ben Yohai: *Tob shebe goyyim harog*

(“Até mesmo o melhor dos gentios deve ser morto”).

Essa passagem provém do hebraico original e é citada do Talmud Babilônico conforme a Jewish Encyclopedia de 1907, publicada por Funk and Wagnalls e compilada por Isidore Singer, no verbete “Gentile” (p. 617).

Essa passagem original do Talmud foi ocultada nas traduções. A *Jewish Encyclopedia* afirma que “... nas várias versões, a leitura foi alterada, sendo geralmente substituída por ‘o melhor entre os egípcios’”. Na versão Soncino: “o melhor dos pagãos” (*Minor Tractates*, Soferim 41a–b).

Israelenses participam anualmente de uma peregrinação nacional ao túmulo de Simão ben Yohai, para honrar esse rabino que defendeu o extermínio dos não judeus (*Jewish Press*, 9 de junho de 1989, p. 56B).

No Purim, em 25 de fevereiro de 1994, o oficial do exército israelense Baruch Goldstein, um judeu ortodoxo de Brooklyn, massacrou 40 civis palestinos, incluindo crianças, enquanto eles estavam ajoelhados em oração numa mesquita. Goldstein era discípulo do falecido rabino de Brooklyn, Meir Kahane, que disse à CBS News que seu ensinamento de que os árabes são “cães” é derivado “do Talmude” (*CBS 60 Minutes*, “Kahane”).

O professor da Universidade de Jerusalém, Ehud Sprinzak, descreveu a filosofia de Kahane e Goldstein: “Eles acreditam que é a vontade de Deus que cometam violência contra os *goyim*, um termo hebraico para não judeus.” (*NY Daily News*, 26 de fevereiro de 1994, p. 5).

O rabino Yitzhak Ginsburg declarou: “Temos de reconhecer que o sangue judeu e o sangue de um *goy* não são a mesma coisa.” (*New York Times*, 6 de junho de 1989, p. 5).

O rabino Yaacov Perrin afirmou: “Um milhão de árabes não valem a unha de um judeu.” (*NY Daily News*, 28 de fevereiro de 1994, p. 6).

Doutrina Talmúdica: Os Não-Judeus Não São Humanos

O Talmude define especificamente todos os que não são judeus como animais não humanos, desumanizando particularmente os gentios, afirmando que não são descendentes de Adão. A seguir, alguns trechos do Talmude que se relacionam a esse tema.

Kerithoth 6b: Usos do Óleo da Unção. “Nossos rabinos ensinaram: Aquele que derrama o óleo da unção sobre o gado ou sobre utensílios não é culpado; se for sobre gentios (*goyim*) ou sobre mortos, também não é culpado. A lei referente ao gado e aos utensílios está correta, pois está escrito: ‘Sobre a carne do homem (Adão), não deve ser derramado’ (Êxodo 30:32); e o gado e os utensílios não são homem (Adão).”

“Também com relação aos mortos, [é plausível] que ele esteja isento, pois após a morte é chamado de cadáver e não de homem (Adão). Mas por que ele está isento no caso dos gentios (*goyim*)? Acaso não estão na categoria de homem (Adão)? Não, está escrito: ‘E vós, minhas ovelhas, as ovelhas do meu pasto, sois homem (Adão)’ (Ezequiel 34:31): Vós sois chamados homem (Adão), mas os gentios (*goyim*) não são chamados homem (Adão).”

No trecho anterior, os rabinos discutem a parte da lei mosaica que proíbe aplicar o óleo sagrado sobre homens.

O Talmude afirma que não é pecado aplicar o óleo sagrado sobre gentios, porque os gentios não são seres humanos (ou seja, não descendem de Adão).

Outro exemplo, do tratado Yebamoth 61a: “Foi ensinado: E assim afirmou R. Simeon ben Yohai (61a) que os túmulos de gentios (*goyim*) não transmitem impureza levítica por um *ohel* [estar em pé ou inclinar-se sobre um túmulo], pois está escrito: ‘E vós, minhas ovelhas, as ovelhas do meu pasto, sois homens (Adão)’ (Ezequiel 34:31); vós sois chamados homens (Adão), mas os idólatras não são chamados homens (Adão).”

A lei mosaica do Antigo Testamento estabelece que tocar um cadáver humano ou o túmulo de um humano transmite impureza àquele que o toca. Mas o Talmude ensina que, se um judeu tocar o túmulo de um gentio, o judeu não se torna impuro, pois os gentios não são humanos (não descendem de Adão).

Baba Mezia 114b: “Um sacerdote judeu estava parado em um cemitério. Quando lhe perguntaram por que estava ali, aparentemente em violação à lei mosaica, ele respondeu que era permitido, pois a lei proíbe apenas que judeus tenham contato com os túmulos de humanos (adamitas), e ele estava parado em um cemitério de gentios. Pois foi ensinado pelo rabino Simão ben Yohai: ‘Os túmulos de gentios (*goyim*) não tornam impuros. Pois está escrito: “E vós, meu rebanho, o rebanho dos meus pastos, sois homens (Adão)” (Ezequiel 34:31); somente vós sois designados homens (Adão).’”

Ezequiel 34:31 é o suposto texto bíblico usado repetidamente como prova nas três passagens talmúdicas anteriores. Mas Ezequiel 34:31, na verdade, não sustenta a noção talmúdica de que apenas os israelitas são humanos. O que esses rabinos, ideólogos e racistas antagentios fizeram ao afirmar as absurdidades anteriores sobre os gentios foi distorcer um trecho do Antigo Testamento para justificar seu preconceito.

Em Berakoth 58a, o Talmude utiliza Ezequiel 23:20 como prova do status subhumano dos gentios. Ele também ensina que qualquer pessoa (mesmo um judeu) que revele esse ensinamento talmúdico sobre os não judeus merece a morte, pois revelar isso enfurece os gentios e provoca a repressão do judaísmo.

A citação talmúdica desta passagem de Ezequiel como “texto de prova” é falaciosa, pois o trecho não demonstra que os gentios sejam animais. A passagem de Ezequiel apenas afirma que alguns egípcios tinham órgãos genitais grandes e emissões abundantes. Isso não prova nem sugere de forma alguma que os egípcios mencionados na Bíblia fossem considerados animais. Mais uma vez, o Talmude falsificou a Bíblia por meio de uma interpretação distorcida.

Outras passagens do Talmude que comentam Ezequiel 23:20 de forma racista são: Arakin 19b, Berakoth 25b, Niddah 45a, Shabbath 150a, Yebamoth 98a. Além disso, o texto original de Sanhedrin 37a aplica a aprovação de Deus apenas à preservação da vida dos judeus (cf. *Hesronot Hashas*, Cracóvia, 1894).

Moisés Maimônides: defensor do extermínio

Examinaremos agora o comentarista pós-talmúdico Rambam (Moisés Maimônides). Esse venerado “sábio” ensinou que os cristãos deveriam ser exterminados. Ele ocupa a mais alta posição no judaísmo:

“Moisés Maimônides é considerado o maior codificador e filósofo da história judaica. Ele é frequentemente chamado com carinho de Rambam, a partir das iniciais de seu nome e título, *Rabenu Moshe Ben Maimon*, ‘Nosso Rabino, Moisés filho de Maimon’. [*Maimonides’ Principles*,

editado por Aryeh Kaplan, Union of Orthodox Jewish Congregations of America, p. 3].

Eis o que Maimônides (Rambam) ensinava sobre salvar vidas, especialmente no que se refere a gentios e cristãos, ou mesmo judeus que ousassem negar a “inspiração divina” do Talmude:

Maimônides, *Mishnah Torah* (Moznaim Publishing Corporation, Brooklyn, New York, 1990, Capítulo 10, Tradução para o inglês), p. 184:

“Portanto, se virmos um idólatra (gentio) sendo arrastado ou se afogando no rio, não devemos ajudá-lo. Se percebermos que sua vida está em perigo, não devemos salvá-lo.”

O texto hebraico da edição Feldheim 1981 do *Mishnah Torah* também afirma o mesmo.

Imediatamente após advertir que é dever dos judeus não salvar um gentio que esteja se afogando ou perecendo, Maimônides expõe o que considera ser o dever talmúdico em relação aos cristãos e também aos judeus que negam a autoridade do Talmude. Segundo *Mishneh Torá*, capítulo 10, p. 184, trata-se de uma *mitzvá* (dever religioso) exterminar os chamados traidores judeus, os *minnim* e os *apikorsim*, e fazê-los descer ao “poço da destruição”, sob a alegação de que causariam prejuízo ao povo judeu e desviariam as pessoas de Deus. Maimônides inclui explicitamente nesse grupo Jesus de Nazaré e seus discípulos, bem como Tzadok, Baithos e seus seguidores, concluindo com a fórmula: “Que o nome dos ímpios apodreça”.

Imediatamente após a admoestação de Maimônides de que é dever dos judeus não salvar um gentio que esteja se afogando ou perecendo, ele nos informa sobre o dever talmúdico dos judeus em relação aos cristãos e também aos judeus que negam o Talmude. Maimônides, *Mishneh Torá* (Capítulo 10), p. 184:

“É, porém, uma *mitzvá* [dever religioso] exterminar os traidores judeus, os *minnim* e os *apikorsim*, e fazê-los descer ao poço da destruição, pois eles causam dificuldades aos judeus e desviam o povo de Deus, como

fez Jesus de Nazaré e seus discípulos, e Tzadok, Baithos e seus discípulos. Que o nome dos ímpios apodreça.”

O comentário do editor judeu que acompanha a declaração anterior de Maimônides afirma que Jesus era um exemplo de *min* (plural: *minnim*).

O comentário também afirma que os discípulos de Tzadok eram definidos como aqueles judeus que negam a veracidade do Talmude e que defendem apenas a lei escrita (ou seja, o Antigo Testamento).

Segundo *Maimonides' Principles*, p. 5, Maimônides “passou doze anos extraíndo cada decisão e lei do Talmude, organizando tudo em 14 volumes sistemáticos. O trabalho foi finalmente concluído em 1180 e recebeu o nome de *Mishneh Torá*, ou ‘Código da Torá’.”

Maimônides ensinou em outra parte do *Mishneh Torá* que os gentios não são humanos:

“Somente o homem, e não os utensílios, pode contrair impureza por transporte. ...O cadáver de um gentio, porém, não transmite impureza por sombra. ...Um gentio não contrai impureza por cadáver; e se um gentio tocar, carregar ou projetar sombra sobre um cadáver, ele é como se não tivesse tocado.

A que se assemelha isso? É como um animal que toca um cadáver ou projeta sombra sobre ele. E isso não se aplica apenas à impureza por cadáver, mas a qualquer outro tipo de impureza: nem os gentios nem os animais estão sujeitos a qualquer impureza.”

(*The Code of Maimonides*, vol. 10, tradução de Herbert Danby, Yale University Press, New Haven, 1954, pp. 8-9)

Maimônides, *Mishneh Torá*, Hilchot Rotze'ach 2:11: “Um judeu que mata um gentio justo não é executado por um tribunal. Está escrito em Êxodo 21:14: ‘Se alguém tramar contra seu semelhante e o matar deliberadamente, afasta-o do altar e mata-o.’ Mas um gentio não é considerado homem, e ainda mais, um judeu não é executado por matar um gentio injusto.”

A citação de A Lista de Schindler

O Talmude (isto é, o Talmude Babilônico), no texto de Sanhedrin 37a, restringe o dever de salvar vidas apenas à salvação de vidas judaicas. O livro sobre censura hebraica, escrito pelos próprios judeus (*Hesronot Hashas*), observa que alguns textos do Talmude usam a expressão universalista:

“Quem destrói a vida de um único ser humano... é como se tivesse destruído o mundo inteiro; e quem preserva a vida de um único ser humano... é como se tivesse preservado o mundo inteiro.” No entanto, *Hesronot Hashas* ressalta que estas não são as palavras autênticas do Talmude original.

Em outras palavras, a versão universalista acima não corresponde ao texto autêntico do Talmude e, portanto, por exemplo, esta versão universalista que Steven Spielberg, em seu famoso filme *A Lista de Schindler*, atribuiu ao Talmude (e que se tornou o lema do filme em cartazes e propagandas), é uma fraude e constitui propaganda destinada a dar um verniz humanista a um Talmude que, em sua essência, é literatura de ódio racista e chauvinista.

No texto autêntico e original do Talmude, está escrito que “quem preserva uma única alma de Israel, é como se tivesse preservado o mundo inteiro” (ênfase adicionada). O texto autêntico do Talmude sanciona apenas a preservação de vidas judaicas.

Engano e dissimulação judaica

A resposta dos rabinos ortodoxos à documentação sobre o racismo e o ódio presentes em seus textos sagrados é simplesmente mentir descaradamente, em conformidade com o Talmude, Baba Kamma 113a, que afirma que os judeus podem usar mentiras (“subterfúgios”) para contornar um gentio.

O Centro Simon Wiesenthal, um centro de propaganda rabínica de vários milhões de dólares, enviou o rabino Daniel Landes em 1995 para negar que o Talmude desumaniza os não-judeus. “Isso é um completo absurdo”, disse ele. Sua prova? Ora, sua própria palavra, é claro.

Mentir para “contornar um gentio” tem uma longa tradição no judaísmo. Tome-se, por exemplo, o debate do século XIII em Paris entre Nicolau de Donin, um judeu convertido ao cristianismo, a quem Hyam Maccoby admite ter “bom conhecimento do Talmude” (*The Jews on Trial*, p. 26), e o rabino Yehiel. Yehiel não estava sob ameaça de morte, ferimentos corporais, prisão ou multa. Mesmo assim, ele mentiu descaradamente durante o debate.

Quando questionado por Donin se havia ataques a Jesus no Talmude, Yehiel negou que houvesse algum. Donin, estudioso de hebraico e aramaico, sabia que isso era falso. Hyam Maccoby, comentarista judeu do século XX sobre o debate, defende a mentira do rabino Yehiel da seguinte maneira:

“Pode-se perguntar, entretanto, se Yehiel realmente acreditava que Jesus não era mencionado no Talmude, ou se apresentou isso como uma manobra engenhosa na situação desesperadora em que se encontrava... Certamente teria sido perdoável para o rabino tentar algum tipo de condescendência na qual ele não acreditava plenamente, a fim de impedir tais procedimentos tirânicos de uma cultura religiosa contra outra.” (Maccoby, *The Jews on Trial*, p. 28)

É assim que a negação judaica da existência de textos odiosos do Talmude é justificada até hoje. Uma palavra fantasiosa para a mentira judaica é evocada (“condescendência”) e considerada “perdoável”, enquanto qualquer exame dos livros sagrados judaicos por investigadores cristãos é caracterizado como um “procedimento tirânico”.

Em 1994, o rabino Tzvi Marx, diretor de Educação Aplicada no Instituto Shalom Hartman, em Jerusalém, fez uma admissão notável sobre como os rabinos judeus, no passado, emitiam dois conjuntos de textos: os textos talmúdicos autênticos, com os quais instruíam sua própria juventude nas escolas de Talmude (yeshivot), e versões “censuradas e alteradas” que eram divulgadas a não-judeus ingênuos para consumo público.

O rabino Marx afirma que, na versão dos ensinamentos de Maimônides publicada para consumo público, Maimônides é feito a dizer

que quem mata um ser humano transgredir a lei. Mas o rabino Marx observa: “...isso apenas reflete o texto impresso censurado e alterado, enquanto os manuscritos originais afirmam apenas ‘quem mata um israelita’.” (*Tikkun: A Bi-Monthly Jewish Critique*, maio-junho, 1994).

O livro judeu *Hesronot Ha-shas* (“aquilo que foi removido do Talmude”) é importante a esse respeito (cf. William Popper, *The Censorship of Hebrew Books*, p. 59). *Hesronot Ha-shas* foi reimpresso em 1989 pela Sinai Publishing, de Tel-Aviv. A obra é valiosa porque lista tanto os textos originais do Talmude que foram posteriormente alterados ou omitidos, quanto os textos falsificados citados para consumo de gentios como se fossem autênticos.

O historiador William Popper afirma: “Não era sempre que longos trechos... eram censurados... mas frequentemente apenas palavras isoladas eram omitidas... Frequentemente, nesses casos, outro método de correção era usado no lugar da omissão — a substituição.” (cf. William Popper, *The Censorship of Hebrew Books*, pp. 58-59).

Por exemplo, os tradutores da versão inglesa Soncino do Talmud às vezes traduzem a palavra hebraica *goyim* (gentios) usando diversos termos disfarçados, como “heathen” (pagão), “Cuthean” (cuteu), “Kushite” (cusita), “Egyptian” (egípcio), “idolater” (idólatra), etc. Mas todos esses termos se referem na realidade aos gentios (todos os não-judeus). Notas de rodapé de certas passagens da tradução Soncino do Talmud informam: “Cuthean (samaritano) foi aqui substituído pelo *goy* original...”.

Os herdeiros dos fariseus frequentemente negam a existência das passagens do Talmud aqui citadas, a fim de alegar descaradamente que tais passagens são “fabricações de antisemitas”.

Em 1994, a senhora Jane Birdwood, de 80 anos, foi presa e processada em um tribunal criminal em Londres, Inglaterra, pelo “crime” de publicar, em seu folheto *The Longest Hatred*, a afirmação verdadeira de que o Talmude contém passagens antigentílicas e anticristãs. (Ela foi acusada de violar a Lei de Ordem Pública de 1986).

No curso de seu julgamento por “crime de pensamento” ao estilo orwelliano, que foi ignorado pela mídia dos EUA, um rabino foi chamado como testemunha de acusação. O rabino passou a negar categoricamente que o Talmude contivesse passagens antigentílicas ou anticristãs e, com base no “prestígio” do rabino, essa mulher idosa e enferma foi condenada a três meses de prisão e multada no equivalente a US\$ 1.000.

Resposta “JudaicoCristã” ao Talmude

Nem os papas modernos nem os chefes modernos do protestantismo jamais exigiram que os rabinos do judaísmo repudiem ou condenem o racismo presente no Talmude ou o ódio homicida contra cristãos e gentios nele expresso. Pelo contrário, os líderes da Igreja têm instado os seguidores de Cristo a obedecer, honrar e apoiar os seguidores do Talmude. Portanto, deveria ser óbvio que esses líderes católicos e protestantes são hoje os maiores traidores de Jesus Cristo na Terra.² (Cf. Mateus 23:13-15; 1 Tessalonicenses 2:14-16; Tito 1:14; Lucas 3:89; Apocalipse 3:9).

Gentios são “Resíduos Celestiais”

Além disso, não apenas os cristãos, mas também os não-cristãos de todas as raças são considerados como “resíduos celestiais” (lixo) pelos mestres do Talmude, como o fundador do Habad-Lubavitch, Rabino Shneur Zalman.

Isso foi analisado na revista judaica *New Republic*: “...há algumas ironias poderosas no novo universalismo messiânico do Habad, em sua missão dirigida aos gentios; e certamente a mais desagradável delas diz respeito ao desprezo, de outra forma não disfarçado e até racial, do Habad pelos *goyim*.”

“...teólogos judeus medievais — mais notavelmente o poeta e filósofo Judá Ha-Levi, na Espanha do século XII, e o místico Judá Loewe, na Praga do século XVI — buscaram definir a distinção judaica em termos raciais, e não espirituais... essa visão, segundo a qual há algo inerentemente superior nos judeus, foi reabilitada em sua forma mais extrema por Shneur Zalman de Liady. O fundador do hassidismo lubavitch ensinou que há uma diferença de essência entre as almas dos judeus e as almas dos gentios, e que somente na alma judaica reside uma centelha de vitalidade divina.”

² **Nota da Libro & Moschetto:** Como muito brilhantemente disse o professor Federico Rivanera Carlés: “A Igreja neojudaica não é, repito, a Santa Igreja Romana ex gentibus. **A partir de João XXIII, os que usurpam a Sé Apostólica não são Vigários de Cristo, mas do judaísmo e dos demais inimigos da Igreja.**”

“Quanto aos *goyim*... a atitude de Zalman (era): ‘As almas dos gentios são de uma ordem completamente diferente e inferior. São totalmente más, sem quaisquer qualidades redentoras.’

Consequentemente, as referências aos gentios nos ensinamentos do rabino Shneur Zalman são invariavelmente depreciativas. A abundância material deles (não judeus) deriva de resíduos celestiais. De fato, eles próprios derivam de resíduos, razão pela qual são mais numerosos do que os judeus, assim como os pedaços de palha superam os grãos... Todos os judeus seriam intrinsecamente bons, todos os gentios intrinsecamente maus.”

“...Além disso, essa caracterização dos gentios como sendo inerentemente maus, espiritualmente bem como biologicamente inferiores aos judeus, não foi de modo algum revista nos escritos posteriores do Habad.” — *The New Republic*, 4 de maio de 1992. Cf. também Roman A. Foxbrunner, *Habad: The Hasidism of Shneur Zalman of Lyady* (Northvale, New Jersey, Jason Aronson, Inc., 1993), pp. 108–109.

O Governo dos EUA prepara o terreno para tribunais talmúdicos

“Nosso” governo, sob os presidentes Reagan, Bush e Clinton, forneceu, sob o eufemismo de educação (por exemplo, a House Joint Resolution 173 e a Public Law 102-14), a base para o estabelecimento de “tribunais de justiça” talmúdicos a serem administrados por discípulos do sucessor de Shneur Zalman no Chabad, o rabino Menachem Mendel Schneerson.

Maimônides determinou que é um tribunal judaico — ou um tribunal nomeado por autoridade judaica — que impõe obediência e profere julgamentos sobre os gentios, bem como promulga legislação por meio de decisões judiciais para esse fim. Maimônides decretou ainda que qualquer nação não judaica “não sujeita à nossa jurisdição” (*tahaht yadeinu*) será alvo de guerra santa judaica. (Cf. *Hilkhos Melakhim* 8:9–10; 10:11. Cf. também Gerald J. Blidstein, “Holy War in Maimonidean Law”, em *Perspectives on Maimonides* [Oxford, Inglaterra: Oxford University Press, 1991].)

Esses tribunais deveriam ser convocados alegadamente sob as “Leis Noaíticas” (proscrições contra a idolatria supostamente baseadas na aliança com Noé). Os presidentes dos EUA e o Congresso instaram à adoção das “Leis Noaíticas” conforme interpretadas pelo Grão-Rabino do Chabad-Lubavitch, Schneerson.

O prof. Easterly, do *Southern University Law Center*, um especialista judeu em direito, comparou essa *Public Law 102-14* aos “primeiros raios da aurora”, que “evidenciam o surgimento de um sol ainda não visível”.

A *Jewish Encyclopedia* concebe um regime noaíta como uma possível ordem mundial imediatamente anterior ao reinado universal do Talmude.

É preciso compreender que não se está lidando com o Noé da Bíblia quando a religião do judaísmo se refere à “lei noaíta”, mas sim com a lei noaíta tal como é entendida e interpretada pelo sistema absoluto de falsificação que constitui o Talmude.

Sob as falsas Leis Noaíticas do Talmude, o culto a Jesus é proibido sob pena de morte, uma vez que tal culto a Cristo é condenado pelo judaísmo como idolatria. Ao mesmo tempo, diversas formas de incesto são permitidas segundo a interpretação talmúdica do código noaítico. (*Enziklopediya Talmudit*, nota 1, pp. 351–352).

Além disso, todos os não judeus teriam o status jurídico de *ger toshav* (“residente estrangeiro”; cf. Alan Unterman, *Dictionary of Jewish Lore and Legend* [Londres: Thames and Hudson, 1991], p. 148), inclusive em sua própria terra; como, por exemplo, na Palestina ocupada, onde recém-chegados khazares vindos da Rússia têm direito automático à moradia e à cidadania, enquanto dois milhões de refugiados palestinos que fugiram ou foram expulsos pelos israelenses são proibidos do direito de retorno.

O status de “residente estrangeiro” foi claramente delineado em artigos acadêmicos de importantes publicações judaicas. Por exemplo, o professor Mordechai Nisan, da Universidade Hebraica, baseando sua exposição em Maimônides, afirmou que um não judeu autorizado a residir em uma terra governada pela lei judaica “deve aceitar o pagamento de um imposto e suportar a humilhação da servidão”.

Se os gentios se recusarem a viver uma vida de inferioridade, isso sinaliza sua rebelião e a necessidade inevitável de guerra judaica contra a própria presença deles. (Cf. Mordechai Nisan, *Kivunim* [publicação oficial da Organização Sionista Mundial], agosto de 1984, pp. 151–156).

Em um simpósio (“Is Autonomy for Resident Aliens Feasible?”) organizado pela ministra israelense da Educação, Shulamit Aloni, o rabino-chefe de Israel, Shlomo Goren, reiterou o ensinamento talmúdico sobre os residentes estrangeiros: de que o judaísmo proíbe “conceder quaisquer direitos nacionais” a eles. Ele decidiu que tal “autonomia equivale a uma negação da religião judaica”. (Nadav Shraggai, *Ha’aretz*, 14 de outubro de 1992).

O subsídio dos contribuintes americanos ao chamado “Museu do Holocausto dos EUA”, em Washington, D.C., é mais um indicativo do estabelecimento gradual de uma religião de Estado judaica nos Estados Unidos. Esse “museu do Holocausto” exclui qualquer referência a holocaustos perpetrados por comunistas judeus contra cristãos na Rússia e no Leste Europeu, a partir de 1917.

O foco do museu é quase inteiramente no sofrimento judaico. Holocaustos perpetrados por israelenses contra árabes no Líbano e na Palestina desde 1948 não aparecem em nenhum lugar nas exposições do “Museu do Holocausto” dos EUA, que funciona mais como uma sinagoga do que como um repositório de informação histórica objetiva.

É por meio da rápida emergência dessa ostensivamente secular, porém onipresente, “Holocaustianidade” — pela qual a religião do judaísmo vem adquirindo enorme poder e influência como o ethos supremo da humanidade e o credo do Povo Santo de Deus.

A Lei Judaica Exige que Cristãos Sejam Executados

Estudiosos israelenses da “Torá” decidiram que:

“A Torá sustenta que os justos de todas as nações têm um lugar no Mundo Vindouro. Mas nem todos os gentios religiosos alcançam a vida eterna pelo simples fato de observarem a sua religião... E, embora os cristãos em geral aceitem a Bíblia Hebraica como verdadeiramente vinda

de Deus, muitos deles (aqueles que aceitam a chamada divindade de Jesus) são idólatras segundo a Torá, passíveis de pena de morte, e certamente não desfrutarão do Mundo Vindouro.”

— Site israelense Mechon-Mamre, 26 de junho de 2000; Rua Hayyim Vital, nº 12, Jerusalém, Palestina ocupada. (“Mechon Mamre é um pequeno grupo de estudiosos da Torá em Israel...”).³

Superstições Judaicas

Não é por acaso que a edição considerada autoritativa do Talmud é conhecida como o Talmud Babilônico. À medida que cristãos, enganados por seus pregadores e papas judaizantes, recorrem cada vez mais a fontes rabínicas judaicas em busca de uma compreensão “pura” do Antigo Testamento, eles acabam, sem o saber, consultando o ocultismo.

O judaísmo é a religião dos fariseus e o patrimônio da Babilônia, de onde, em última instância, derivam as tradições talmúdicas e cabalísticas do judaísmo. O outro livro sagrado do judaísmo ortodoxo, a Cabala, está repleto de ensinamentos astrológicos, adivinhação, gematria, necromancia e demonologia.

A fotografia na capa da versão impressa desta publicação mostra um judeu ortodoxo realizando um ritual para transferir seus pecados para a galinha que ele balança sobre a própria cabeça. Trata-se de uma superstição perniciososa.



3 [Nota: imprimimos e preservamos em nossos arquivos uma cópia impressa desta declaração dos “Estudiosos da Torá do Mechon-Mamre”, conforme aparecia em seu site <http://www.mechon-mamre.org/jewfaq/gentiles.htm> em 26 de junho de 2000, para o caso de posteriormente serem feitas negativas e a própria declaração ser suprimida].

Além disso, a chamada “Estrela de Davi” israelense não é nada disso, mas sim um hexagrama ocultista, um yantra do andrógino, que passou a ser associado aos khazares na Boêmia do século XIV. (O mal-denominado “Estado de Israel” foi fundado em 1948 por meio de uma aliança entre comunistas judeus e sionistas ateus, com reconhecimento crucial da ONU fornecido pelo ditador comunista soviético Joseph Stalin).

Os cristãos talvez considerem revelador visitar uma área judaica hassídica durante o “Purim” e observar as grotescas exhibições semelhantes às do Halloween. Embora a festa de Purim utilize o Livro de Ester como seu suposto texto-prova, na prática a celebração judaica de Purim é pouco mais que uma bacanal (cf. “Superstitions said legacy from Jewish ancestors”, *Canadian Jewish News*, 16 de novembro de 1989, p. 58).

Rabis ortodoxos lançam maldições, praticam feitiços e imaginam possuir poderes maiores do que os de Deus, derivados de seu estudo do *Sefer Yetzirah* (um livro de magia cabalística). Cristãos estão traficando no paganismo babilônico quando se submetem aos rabinos do judaísmo.

Sodomia na sinagoga⁴

De um relatório publicado no jornal israelense em língua hebraica *Ha'aretz*:

“...durante muitos anos, (o escriba talmúdico) Yaakov Yitzhak Brizel... sodomizou meninos ultraortodoxos. Os maiores rabinos sabiam — e nada fizeram...”

Aos 11 anos de idade, Moisheleh, o garoto mais forte do talmud torah (escola para meninos ultraortodoxos), aproximou-se de Shaiya Brizel e disse-lhe: ‘Garoto, quero que você saiba que seu pai não é o homem santo que você pensa que ele é. Ele é um homossexual.’ ...Brizel era um membro da família Brizel, que fundou ... a misteriosa organização que impõe a ordem moral no gueto ultraortodoxo...”

“Se o pai, Yaakov Yitzhak Brizel, tivesse se limitado a relações homossexuais com adultos, é razoável supor que jamais teríamos ouvido a história de seu filho.

4 Fonte: *Ha'aretz*, “o principal jornal diário de Israel”, Shevat 25, 5760 (1º de fevereiro de 2000).

No entanto, em seu livro *O Silêncio dos Ultraortodoxos*, publicado há poucas semanas, o filho afirma que, durante décadas, seu pai sodomizou estudantes de yeshivá. Ele cometia os atos em sinagogas vazias, nos intervalos entre as orações, e em outros locais.”

“Os maiores rabinos ultraortodoxos — como o rabino Landau e o sábio haláchico Shmuel Halevi Hausner, de Bnei Brak — sabiam e permaneceram em silêncio. O pai era hassídico de corpo e alma e frequentava vários rebes... o irmão gêmeo do rebe de Rehovot, o Rebe de Kretschknif em Kiryat Gat, aceitou de bom grado o pai entre seus seguidores. No fim das contas, afirma Brizel, não foi fácil para o Rebe de Kiryat Gat ser exigente quando podia conquistar um adepto tão respeitado.”

“...O pai orgulhoso, com a aparência de um rabino honrado, que observava todos os mandamentos, dos mais insignificantes aos mais importantes, costumava rezar em uma certa yeshivá com os jovens rapazes. Lá, afirma Shaiya Brizel, ele caçava suas vítimas. Quando o diretor da yeshivá descobriu o verdadeiro motivo pelo qual o respeitado escriba da Torá rezava fervorosamente em sua yeshivá, ele não contatou a polícia...”

“Antes da publicação de seu livro, Shaiya Brizel encontrou-se com o dirigente da yeshivá. ‘Você tem razão ao dizer que nós o acobertamos’, admitiu o homem. ‘Eu e alguns outros rabinos... eu estava ocupado tentando acalmar a situação e abafar o caso para que não viesse a público.’”

“(O filho) publicou o livro usando nomes reais. Toda a sua família e quase todos os rabinos aparecem com seus próprios nomes. Apenas os nomes de algumas localidades e o do dirigente da yeshivá foram disfarçados. Para se resguardar do ponto de vista jurídico, Brizel manteve uma série de conversas com membros de sua família e com rabinos, nas quais exigiu explicações sobre por que haviam acobertado a conduta de seu pai. Ele gravou secretamente todas essas conversas, inclusive com sua própria mãe.”

“‘Se eu tivesse escrito sem os nomes, teria sido ficção, e isso certamente não me servia’, explicou. ‘Eu queria que as coisas mudassem, que a sociedade ultraortodoxa soubesse que pode tentar esconder e manter oculto, mas que, mesmo que leve 30 anos, um Golem sempre se levantará contra o seu criador e revelará tudo. Neste caso, eu fui o Golem.’”

“Quando Rachel Brizel, filha de uma respeitável família de Bnei Brak, casou-se em um casamento arranjado com um membro da ilustre família Brizel, ela não tinha a menor ideia de que estava destruindo a própria vida. Após seis meses, flagrou o marido mantendo relações sexuais com outro homem. Nesse caso, ao menos, tratava-se de um adulto.”

“Shaiya Brizel relata que alguns dos meninos com quem seu pai manteve relações enviaram cartas de denúncia a seus próprios pais; na discreta sociedade ultraortodoxa, eles não tinham a quem mais recorrer para reclamar.”



Shaiya Brizel: autor de um livro que relata casos de sodomia na sinagoga.

“‘Quando ela leu essas cartas, minha mãe enlouqueceu’, escreve Brizel. ‘Cada uma dessas cartas fazia com que ela quisesse exigir o divórcio. Repetidas vezes apareciam verdadeiras baterias de mediadores, os rabinos da família Brizel, cuja função era acalmá-la para que, Deus nos livre, ela não destruísse o bom nome da família Brizel.’”

“‘Eles conseguiam conviver com o fato de que um dos seus havia estuprado menores, mas, para eles, o divórcio era uma situação impossível.’”

“...Duas vezes — uma durante as orações numa sinagoga e outra durante uma hora de estudo de Guemará (Talmud) na Yeshivá Ponevezh do rabino Eliezer Shach — homens ultraortodoxos, estranhos para ele, tocaram em seu órgão sexual, presumivelmente partindo do pressuposto de que ele seguia os passos do pai. Na primeira vez, ele fez um escândalo, apenas para descobrir que a única coisa que interessava às pessoas ali era abafar todo o episódio. Na segunda vez, limitou-se a advertir o homem em voz baixa.”

“Shaiya Brizel tem agora 36 anos e é pai de três filhos; trabalha como contador. Seu pai, de 65 anos, foi forçado a deixar a casa alguns anos atrás e retornar ao apartamento de seus pais idosos. Shaiya escreveu este livro após uma tentativa de suicídio em junho.”

“Durante todos aqueles anos eu estava meio morto. Nos últimos cinco anos venho fazendo tratamento psicológico. Durante minhas conversas com o psicólogo, decidi que iria vomitar toda essa feiura na forma de um livro.”

“Ele levou em conta que haveria reações violentas ao livro... que saiu há apenas algumas semanas... Brizel sofre de um grave defeito cardíaco, que pode causar sua morte. Como forma de se proteger, ele depositou uma carta com três advogados que contém graves acusações contra a Eda Haredit, e informou as pessoas pertinentes.”

“Recentemente, ele se mudou para um novo apartamento e passou a viver no setor Religioso Nacional de uma comunidade mista de famílias Religiosas Nacionais e ultraortodoxas. Naturalmente, começou a rezar na única sinagoga hassídica do assentamento. Após a publicação do livro, pessoas ligadas ao rebbe (rabino) local o informaram de que ele era *persona non grata*.”

“Ironicamente, esse mesmo rebbe havia ido para a região depois de ter sido obrigado a deixar várias outras comunidades, sob suspeita de ter sodomizado seus alunos. Na sociedade ultraortodoxa, revelar que atos de sodomia foram cometidos é considerado uma falta muito mais grave do que cometê-los.”

“No dia em que o livro foi publicado, Brizel encontrou-se com o diretor da Yeshivá Hachemei Lublin, o rabino Avraham Vazner. ‘Ele me disse que publicar o livro era um milhão de vezes pior do que aquilo que meu pai havia feito...’”

“O *Ha’aretz* não conseguiu obter uma resposta do rabino Yaakov Yitzhak Brizel. Na casa de seus pais, uma mulher respondeu: ‘Não nos importamos. Shaiya é um mentiroso e não há mais nada a dizer.’”

“O *Ha’aretz* também solicitou a resposta da família Brizel por meio do ativista da Eda Haredit, Yehuda Meshi-Zahav. Até o fechamento da matéria, tampouco houve resposta por esse canal.”

“Algumas semanas atrás, o pai respondeu à revista feminina *La’isha*, dizendo que processaria os editores, o que até agora não aconteceu. É improvável que venha a acontecer.”

“Shaiya Brizel estava disposto a adiar a publicação do livro, com a condição de que a família o processasse em um tribunal rabínico, no qual o caso seria discutido. Ele afirmou que ninguém na família estava disposto a enfrentar o desafio.”

“Na conversa com a *La’isha*, o pai disse que de fato era homossexual: ‘Mas eu passei por tratamento e hoje não sou mais assim. Tudo isso ficou para trás.’”

“Em resposta a uma pergunta sobre se tivera relações sexuais com menores, ele respondeu: ‘Talvez eu fale sobre isso em outra ocasião.’ Acusou seu filho Shaiya de ser ‘o único que está atrás de mim. Ele destruiu minha vida... Escreveu isso apenas por dinheiro. Queria dinheiro de mim... Por causa dele, me separei da minha esposa.’”

“A irmã de Shaiya, Rivka Hubert, falou com grande raiva à repórter da *La’isha* sobre o fato de que seu irmão havia revelado os nomes das pessoas envolvidas, e declarou: ‘Negamos tudo o que está escrito no livro.’”



“Nossos predecessores, de feliz memória, Gregório IX, Inocêncio IV, Clemente IV, Honório IV, João XXII, Paulo IV e Gregório XIII, ***que frequentemente mencionavam esse sacrílego Talmud, amaldiçoaram-no, baniram-no e exterminaram-no do mundo cristão***, juntamente com outros odiosos e similares escritos. Nós expressamente determinamos a renovação das supracitadas cartas.” (Papa Clemente VIII, Cum Hæbreorum Malitia).